

Uma breve história do selo de lacre

Durante quatro séculos, uma gota de cera vermelha garantia que ninguém tinha lido uma carta. Perdemos-la ao passar para a era digital. É recuperável.

Antes do papel

A necessidade de comunicar algo de forma confidencial a alguém distante é mais antiga do que a escrita. Na Mesopotâmia, as tabuletas de argila com mensagens administrativas ou privadas eram enviadas dentro de cápsulas também de argila, seladas antes de cozer: qualquer tentativa de ler o conteúdo obrigava a quebrar o invólucro, e o destinatário sabia com um simples olhar se a cápsula chegava intacta. Na Roma clássica, os rolos de pergaminho eram atados com cordel e selados com cera ou com chumbo. A ideia era sempre a mesma: que qualquer leitura não autorizada deixasse um rasto físico indelével.

A era do selo de lacre

Durante vários séculos, desde o final da Idade Média até ao início do século XX, a ferramenta canónica da correspondência confidencial na Europa foi o papel dobrado e selado com lacre. A cera fundida era vertida sobre a união da folha e imprimia-se com um cunho pessoal ou institucional. Não era ornamental. Notários, diplomatas, comerciantes e particulares usavam-no com a mesma lógica: se o selo de lacre estava intacto e o cunho era reconhecível, o conteúdo não tinha sido lido; se estava quebrado, a correspondência estava comprometida antes mesmo de ser aberta.

A força do selo de lacre não estava no custo nem na solenidade. Estava numa propriedade estrutural muito concreta: qualquer tentativa de o retirar e voltar a colocar deixava marcas visíveis. Não havia forma silenciosa de abrir uma carta selada. E isso significava que a confidencialidade não dependia da promessa de nenhum intermediário — do mensageiro, do cocheiro, do oficial de correios — mas do próprio desenho físico do invólucro. Era confiança baseada em evidência, não na palavra de ninguém.

A transição digital

O telégrafo, o telefone, o correio eletrónico, a mensageiria corporativa. A comunicação eletrónica trouxe velocidade, alcance global e um custo quase nulo por mensagem. Também levou consigo a garantia do selo de lacre. Por defeito, toda a mensagem passa por intermediários cuja integridade só podemos verificar através de promessas escritas em termos de serviço, certificações técnicas e auditorias opacas. Não há nada equivalente a uma gota de cera quebrada que nos avise.

Um selo de lacre digital

A propriedade que dotava de força o selo de lacre não era o lacre em si, mas o que representava: integridade verificável por design, sem necessidade de confiar num terceiro. Essa propriedade pode ser reconstruída no plano digital, embora com dois elementos em vez de um. O primeiro é o selo criptográfico — a impressão SHA-256 que aparece ao pé de cada artigo desta publicação é, em sentido literal, um selo de lacre digital: qualquer

modificação do conteúdo altera a impressão visivelmente, tal como a cera quebrada denunciava a leitura não autorizada. O segundo é a arquitetura do canal: quando não existe um servidor no meio entre duas pessoas que comunicam, não há intermediário ao qual seja necessário outorgar confiança. A combinação de ambos os elementos — integridade verificável e ausência de intermediário — reproduz, em termos digitais, o que durante quatro séculos a cera vermelha sobre o papel dobrado fez de forma quotidiana.

O nome

Esta publicação chama-se Cuadernos Lacre porque o selo de lacre (lacre) não é um adorno histórico, mas uma propriedade técnica concreta: a integridade verificável por construção, sem promessa de qualquer operador. Cada artigo da série analisa, na sua versão digital contemporânea, alguma parte dessa mesma ideia: cifragem, metadados, segredo profissional, arquitetura de comunicações, quadro legal europeu. O nome é também uma maneira de recordar que a confidencialidade não é um serviço que se contrata, mas uma propriedade do próprio canal pelo qual a informação circula.

Fontes e leitura adicional

- Maxwell, M. — *The Wax Tablets of the Mind: Cognitive Studies of Memory and Literacy in Classical Antiquity*, Routledge, 1992 (capítulos sobre selagem de tabuletas e bullae mesopotâmicas).
- Daybell, J. — *The Material Letter in Early Modern England: Manuscript Letters and the Culture and Practices of Letter-Writing, 1512-1635*, Palgrave, 2012. Capítulos sobre o selo de lacre como instrumento de integridade e autoria.
- Saltzer, J. H.; Reed, D. P.; Clark, D. D. — *End-to-end arguments in system design*, ACM TOCS, 1984. Formulação moderna do princípio do selo de lacre: garantias nas extremidades, não no canal.

[Seguinte](#) → [Cifrar não é ser privado: o que os metadados contam sobre si](#)

Leituras recentes

- [CUADERNOS LIST PREGUNTAS TITLE](#)
- [CUADERNOS LIST SELFHOST TITLE](#)
- [CUADERNOS LIST IDENTIDAD TITLE](#)

Leve este artigo para onde precisar.

[↓ Markdown](#) [↓ Texto simples](#) [↓ PDF](#)

O arquivo é descarregado no seu dispositivo. A partir daí, pode guardá-lo, importá-lo no Solo2 ou partilhá-lo onde quiser. Cuadernos não decide o destino por si.

Selo de lacre · SHA-256 0470674f51b361715e0303c173b325498448433f4dbb851dab5a806485f70ab0

ES

Cuadernos Lacre · Uma publicação da [Menzuri Gestión S.L.](#) · escrita por R.Eugenio · editada pela equipa do [Solo2](#).

Este site não utiliza cookies e não carrega recursos de terceiros. Utiliza um contador anónimo de visitas alojado por nós (Umami, no nosso servidor europeu) e o mínimo de JavaScript necessário para a sua preferência de tema claro/escuro. Sem trackers, sem perfilagem, sem partilha de dados. Se quiser seguir-nos: [RSS](#).